

## **VIOLÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: O CORPO E A TRAVESTI NO CURTA-METRAGEM BAIANO *DA ALEGRIA, DO MAR E DE OUTRAS COISAS***

Ricardo Amaral (Uesb/Labedisco/Fapesb)

ricardo.a.amaral@hotmail.com

Nilton Milanez (Uesb/Labedisco/CNPq)

nilton.milanez@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma análise discursiva do curta-metragem *Da Alegria, Do Mar e de Outras Coisas* (2012), da diretora baiana Ceci Alves, com foco na violência contemporânea. O curta-metragem mostra em nível narrativo, o assassinato de uma travesti que acontece, na madrugada, nas areias de uma praia soteropolitana, após dois homens sequestrá-la. Em um domínio de atualidade, a travesti ainda é vista como um sujeito a ser excluído da sociedade, ou até mesmo assassinado. Esse lugar dado à travesti institui-se imerso em relações de poder. Para Foucault, a questão do poder é capaz de explicar a produção de saberes. Perguntamo-nos, a partir da formação de violência que configura um quadro para a travesti, como se constrói um poder-saber sobre esse corpo estranho, dado a ver como uma anormalidade social? Assim, a partir da análise fílmica, apontamos que toda relação de poder, através de seus mecanismos, implica na imposição da presença do outro, institui-se na medida em que ambos se fazem como sujeitos em uma relação. As relações de poder se exercem sempre com e entre outros cuja presença é estritamente necessária. Portanto, a violência na contemporaneidade posta ao sujeito travesti se materializa na relação com outro sujeito que insiste em reafirmar apenas saberes de uma tradição heteronormativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Poder. Corpo. Travesti.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

O presente artigo apresenta uma análise discursiva do curta-metragem *Da Alegria, Do Mar e de Outras Coisas* (2012), da diretora baiana Ceci Alves, com foco na violência contemporânea. Ao falar em violência é preciso delimitar o espaço pelo qual se pretende construir uma análise. Violência é um tema amplo, obscuro e polêmico. E quando se fala em travesti, essas características da violência se entrelaçam e se materializam nesses sujeitos e em seus corpos.

No nível narrativo, e segundo sua sinopse, o curta-metragem *Da Alegria, Do Mar e de Outras Coisas* é um conto sobre a intolerância social. A história narrada é a de *Nem*, travesti que faz shows de dublagem na noite, é fã de Vanusa e tem, na música *Mudanças*, interpretada pela cantora, seu hino. *Nem* viu seu companheiro de noite e de vida, *Joy*, ser morto. Ele denunciou os assassinos e pagará o preço disso: perseguido e ultrajado, *Nem* se vê obrigado a fugir do país. De início, a sinopse aponta para a ideia de intolerância social, e em seguida traz

termos como “morto”, “perseguido” e “ultrajado”, que começam a delinear uma construção discursiva da violência, temática pela qual a materialidade fílmica mostrará o sujeito travesti imerso nessa engrenagem violenta.

Em um domínio de atualidade, a travesti ainda é vista como um sujeito a ser excluído da sociedade, ou até mesmo assassinado. Esse lugar dado à travesti institui-se imerso em relações de poder. Para Foucault, não existe uma teoria geral do poder, uma vez que não o considera como uma realidade que possua uma natureza, ou uma essência definida por características universais. O autor vê o poder como uma prática social constituída historicamente, e portanto capaz de ser revista, reformulada e substituída pelo novo.

Para Piva (2007), a análise foucaultiana entende que o poder, não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, funcionando como uma rede de mecanismos aos quais nada e ninguém escapa, aos quais não existe exterior possível, limites ou fronteiras. O poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não se possui. Não existem de um lado os que têm o poder e de outro lado aqueles que se encontram aliados dele. O poder não existe, o que existe são práticas ou relações de poder, o que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona como uma maquinaria que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social, sempre está presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças.

Perguntamo-nos, a partir da violência social que configura um quadro para a travesti, como se constrói um poder-saber sobre esse corpo estranho, dado a ver como uma anormalidade social?

## **O ESTRANHAMENTO DO CORPO TRAVESTI**

Primeiro é necessário que façamos uma diferenciação de qual corpo estamos falando. Aqui, nos interessa o corpo discursivo. Segundo Milanez (2009, p. 1), “o corpo com suas funções biológicas, que exerce suas práticas sócio-históricas do cotidiano não é ainda o corpo do discurso”. Ainda para Milanez (2009, p. 1),

Para estarmos diante de um corpo discursivo não basta nos depararmos com práticas do fazer do nosso dia-a-dia. Precisamos focalizar a existência material desse objeto que denominamos corpo, em consonância com suas formas e carnes por meio da representação sob a qual o identificamos. Para tanto, precisamos considerar esse corpo do qual falamos, colocando em evidência a sua existência histórica, o seu status material, reafirmando o questionamento foucaultiano “quem fala?” (FOUCAULT, 2000, p. 57) no momento

de olharmos para nossos invólucros corporais. Ainda, será preciso olhar de perto o lugar no qual esse corpo se insere, a data que ele marca, enfim, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça ali naquele momento, naquele lugar e não em outro.

Sabemos que o corpo é uma construção histórica, e conseqüentemente o corpo travesti está inserido nessa historicidade. O corpo não pode ser tomado como algo terminado, mas como uma materialidade provisória, mutante e mutável, vulnerável às mais diversas formas de intervenção, sejam elas, científicas, tecnológicas e/ou eclesiásticas, sejam elas transgressivas e/ou marginais, políticas e/ou culturais, clarificando que o corpo não é universal e absoluto, mas plástico, flexível e relacional, portanto, produzido através de sua socialização e coletividade (PERES, 2011). Por conta dessas transformações do corpo, a travesti é vista socialmente com estranheza, produzindo um sentido de anormalidade dentro de uma ordem discursiva que aponta o corpo como algo que não deve sofrer uma metamorfose tão complexa, quanto uma mudança de estética masculina para uma estética feminina.

Foucault, em seu texto *Os Anormais*, na aula de 22 de janeiro de 1975, afirma que o monstro, o anormal, “é o limite, o ponto de inflexão da lei e é, ao mesmo tempo, a exceção que só se encontra em casos extremos, precisamente. Digamos que o monstro é o que combina o impossível com o proibido” (FOUCAULT, 2001, p. 70). Ao deslocarmos essa noção de monstruosidade construída por Foucault, para a noção do corpo travesti, temos a travesti vinculada socialmente como algo proibido, que foge às regras e leis naturais de como se deve cultivar e deixar a ver o próprio corpo biológico, constituindo uma estranheza social.

Navegando nesse barco da estranheza do corpo travesti, podemos pensar esse estranhamento a partir das relações de poder que se estabelecem. Vivemos em uma sociedade que insiste em impor a heteronormatividade como única forma “correta” de viver a sexualidade. Revel (2005) afirma que para Foucault, a condição de emergência e efeito de relações de poder se dá a partir do sistema das diferenciações que irão permitir agir sobre a ação dos outros. Então, o modo de ser travesti, no domínio da atualidade, vai de encontro ao sistema heteronormativo, constituindo assim, uma relação de poder na diferença.

Nos extratos fílmicos<sup>1</sup> a seguir, iremos observar essa relação de poder que desdobrará num ato que entendemos como violento.

---

<sup>1</sup> Agradeço gentilmente o consentimento da diretora Ceci Alves para uso das imagens do curta-metragem.



Fig (1) Cena do sequestro das travestis.



Fig (2) Cena do sequestro das travestis.

A narrativa das duas cenas selecionadas mostra dois homens retirando do carro as duas travestis que foram sequestradas enquanto faziam programa em uma famosa rua da capital baiana. Na primeira figura, vemos um corpo nu sendo arrastado do maleiro do carro. Na figura dois, um braço masculino aperta o pescoço e empurra outro corpo. Corpos travestis!

A partir da noção foucaultiana sobre o que constitui o poder, as cenas dão a ver um ato violento exercido sob corpos tidos como frágeis, ratificando o que Foucault nos disse (REVEL, 2005) sobre o poder ser exercido na diferença; a diferença entre corpos viris, masculinizados, e corpos frágeis, feminilizados.



Fig (3) Cena do sequestro das travestis.



Fig (4) Cena do sequestro das travestis.

Nessa segunda sequencia da cena do sequestro, como estratégia cinematográfica, temos a utilização do *close* que “devidamente escolhido e filmado com destreza agrega impacto dramático e clareza visual ao acontecimento” (MASCELLI, 2010, p. 199). A evidência do impacto dramático, e por sua vez, intenso da cena se dá justamente pelo *close* da câmera no rosto das personagens travestis, dando a ver o medo e desespero por está vivenciando algo indesejado e violento. Ainda para este autor, “os closes são um dos recursos narrativos mais poderosos disponíveis ao diretor. Eles devem ser reservados para destaques de

vital importância para a história, a fim de que alcancem o efeito visual pretendido” (MASCELLI, 2010, p. 199). Na figura quatro, ainda é possível observar a presença do seqüestrador segurando a personagem por trás, e notamos seu rosto uma feição de prazer por está cometendo aquele ato.



Fig (5) Cena do seqüestro das travestis.

O quinto extrato fílmico vai nos trazer, através da estratégia cinematográfica de profundidade de campo, que coloca o espectador praticamente dentro da cena, o assassinato da personagem travesti *Joy*. Os dois seqüestradores e assassinos aparecem logo em primeiro plano, onde um deles mantém uma arma em punho e no fundo da imagem os dois corpos das travestis que caminham em direção ao mar. Em uma produção de sentido, a imagem cria, através da escuridão noturna da praia e do “infinito” do mar, a noção de que o corpo travesti está fadado a dispersar na escuridão e ao infinito.

## CONCLUSÃO

A análise do curta-metragem *Da Alegria, Do Mar e de Outras Coisas*, considerando a condição da violência no discurso heteronormativo evidenciada nas práticas observadas na materialidade do curta-metragem, possibilita a construção de sentido para o corpo travesti; corpo este que socialmente é rechaçado e excluído. Ao observar as figuras acima, o poder estabelecido na relação entre um e o outro, produzem saberes constitutivos à travesti. Retomando o questionamento inicial, a partir da violência, como discurso e prática social, que configura um quadro para a travesti, como se constrói um poder-saber sobre esse corpo estranho, dado a ver como uma anormalidade social? Entre muitas, uma possível resposta, é

que o saber do corpo travesti se dá justamente nesse imbricamento das relações de poder com as violências construídas socialmente sob as possibilidades de existência das travestis. Portanto, a violência na contemporaneidade posta ao sujeito travesti se materializa na relação com outro sujeito que insiste em reafirmar apenas saberes de uma tradição heteronormativa.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem**. Tradução de Janaína Marcoantônio. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
- MILANEZ, Nilton. **Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso**. Acta Scientiarum: Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 215-222, 2009.
- PERES, Wiliam Siqueira. Travestis: corpos nômades, sexualidades múltiplas e direitos políticos. In: SOUZA, Luiz Antônio Francisco; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 218 p., 2011.
- PIVA, Ângela; SEVERO, Ariane; DARIANO, Jussara. **Poder e Violência – Formas de Subjetivação e Desubjetivação**. Revista Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun, 2007.